

Mesa
Redonda



A ERA DE HOBBSAWM

Apresentação

Com o apoio do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (CESIT - Unicamp), o Instituto Cajamar (Inca) – entidade destinada à educação popular – promoveu, em dezembro de 1992, o seminário "É possível um projeto nacional?". Durante três dias, sete mesas discutiram no Sindicato dos Químicos de São Paulo o tema proposto pela organização do evento.

A mesa redonda que ora reproduzimos, "A Era de Hobsbawm", foi organizada por Alexandre Fortes, então diretor de Projetos do Inca, e Marco Aurélio Garcia, que integrava a Coordenação dessa mesma entidade. Ela contou com a presença de Garcia e dos professores Nicolau Sevcenko, José Sérgio Leite Lopes e Michael Hall, bem como do próprio Eric Hobsbawm. O objetivo era não só homenagear o convidado, mas também elaborar um balanço de suas contribuições à historiografia. Ao final, coube a Hobsbawm comentar essas intervenções.

Realizadas há um certo tempo, as apresentações dos palestrantes poderiam até ressentir-se de uma atualização. Nos últimos anos, as mudanças ocorridas no mundo foram objeto de intensa reflexão do autor, inclusive com a publicação de *A Era dos Extremos*, que aborda o século XX e com-

pleta sua série de estudos sobre as grandes transformações históricas das idades moderna e contemporânea (vale lembrar que seu último livro publicado no Brasil, *Sobre História*, recebe uma resenha neste número). Longe de desautorizar a mesa, acrescenta a ela um ingrediente especial, o de ter sido realizada no momento em que as perspectivas do socialismo como um dos principais projetos políticos dos movimentos sociais entrava em crise com as mudanças do Leste Europeu. Mais do que a transcrição de uma mesa, o que os leitores têm agora em mãos é um documento. Gostaríamos, por fim, de agradecer o empenho de todas as pessoas envolvidas na realização deste evento sem o qual não seria possível esta publicação.

O Conselho Editorial

CONSTRUINDO PRINCÍPIOS

Nicolau Sevcenko*

É um prazer participar desta homenagem ao professor Eric Hobsbawm. Convidado pelo Instituto Cajamar para este debate, considero importante ressaltar as qualidades e o valor absolutamente único e óbvio que o professor Hobsbawm representa para a historiografia contemporânea. Creio ser uma excelente oportunidade para manifestar toda a minha gratidão pelo aproveitamento que tenho feito da sua obra e, assim, saldar a dívida intelectual com aquele que é um dos historiadores mais lúcidos e com as obras mais sistemáticas e abrangentes a cerca da formação do mundo contemporâneo. No espírito dessa reunião, a idéia é tentar organizar algumas reflexões sobre os temas que o professor Hobsbawm contribuiu para renovar na historiografia contemporânea e, em particular, na historiografia marxista.

Penso que o primeiro ponto a destacar é sua visão articulada, densa, abrangente e dinâmica da formação do mundo contemporâneo, desenvolvida em três obras sucessivas e reunidas numa trilogia que traz os fundamentos da sua organização, tal como nós o conhecemos e vivemos hoje em dia. Trata-se de *A Era das Revoluções*, *A Era do Capital* e *A Era dos Impérios*.¹

O professor Hobsbawm, ao longo dos três livros, marca como se opera a formação de uma rede integrada, inclusiva, de base tecnológica e em

* Prof. do Departamento de História da USP.

¹ Hobsbawm, Eric, 1982. *A Era das Revoluções - Europa: 1789-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. *A Era do Capital - 1848-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982; *A Era dos Impérios - 1875-1914*, 1988. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

permanente expansão, onde se constróem as bases de uma espécie de grande rede global de inter-relações não só econômicas, mas, também, políticas e culturais. O particular no modo de entabular as condições da formação e da consolidação desta rede global é - embora ela opere por alguns pólos dinâmicos, com os países que têm a vanguarda no desenvolvimento econômico capitalista - demonstrar que o conjunto do sistema funciona de tal forma que as menores oscilações e as menores proporções, nos planos mais distantes, rebatem nos pólos centrais, fazendo com que o conjunto tenha que ser visto permanentemente de uma forma unitária, ao invés da tendência à fragmentação e à explicação por partes que caracteriza o estilo mais clássico, mais convencional, da historiografia do mundo contemporâneo.

A maneira de estabelecer uma explicação historiográfica em escala global permite - o que do ponto de vista brasileiro e latino-americano é decisivo - a relativização do enfoque eurocêntrico que marca as explicações historiográficas mais comuns.

O professor Hobsbawm adota um enfoque especial, de observar uma mundialização das condições de enquadramento da sociedade e da economia, vista como uma totalidade de alcance mundial, na qual cada uma das partes faz sentido, ao mesmo tempo que o conjunto funciona em seu dinamismo. A contrapartida deste tipo de enfoque que relativiza o eurocentrismo é marcar a ativação dos contextos mais restritos, nacionais, regionais, locais. Isso obriga o professor Hobsbawm a um exercício extraordinário de erudição. Lendo nas mais diversas línguas e familiarizando-se com historiografias das mais variadas partes do mundo, no intuito de compor a rede de interconexões, ele colabora de uma maneira decisiva para o desenvolvimento dessas historiografias locais, particularmente com as do genericamente chamado "Terceiro Mundo". É nesse sentido que a minha dívida e a minha gratidão com ele são imensas, na medida em que foi através da sua obra que pude vislumbrar como as explicações decisivas para compreender certos momentos de transição na história do Brasil na verdade tinham que ser vistas não através de uma dinâmica interna, mas pela maneira como o país se ajusta a essa grande dinâmica mundial.

Do ponto de vista interno, o professor Hobsbawm trabalha, em qualquer parte deste processo de mundialização, com as tensões geradas pelo confronto entre as dimensões rurais e urbanas da organização social contemporânea. A tendência permanente à polarização das sociedades e dos núcleos urbanos e à incorporação de comunidades humanas, que procedem de áreas rurais, não é tratada pelo professor da forma convencional, que contrapõe campo e cidade. Ele compreende o campo também como um espaço onde existe a dialética do desafio imposto pela cidade. Por todos os recantos e por todos os quadrantes sobre os quais a análise do professor Hobsbawm recai, prevalece este esforço de compreensão dialética. É por essa razão também que ele estuda os movimentos de migração de massa de seres humanos, deslocados por pressões econômicas e expostos a situações que lhes são completamente adversas e que ampliam enormemente este fenômeno tão típico da contemporaneidade – a alienação e a perda das raízes culturais. São multidões que se deslocam, perdem nexos territoriais, laços comunitários e tradições culturais. Em função disto, são envolvidas por novas linguagens e novas formalizações, tanto culturais como políticas, dentro das quais têm a opção de serem mobilizadas por ideologias que lhes são estranhas, como o nacionalismo, ou por outras que tentam representar seus valores mais autênticos e mais presos a humanidade, como as correntes contestatórias, um fenômeno que o professor Hobsbawm estudou em livros que marcaram época e transformaram o debate nos estudos da formação da sociedade moderna, como *Os Rebeldes Primitivos* e *Os Trabalhadores*.² Nesse sentido, esta ordem global não é somente de origem sócio-econômica, mas também de origem cultural. Ao fundamento tecnológico ele rebate com a acentuação das idéias, aproximando dois extremos que parecem tão distantes. Um não é compreensível sem o outro, permanecendo essa integridade, essa homogeneidade do enfoque dialético.

² Hobsbawm, Eric, 1970. *Rebeldes Primitivos: Estudos sobre Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar e 1981. *Os Trabalhadores: Estudos sobre a História do Operariado*. Rio de Janeiro, Paz & Terra.

A segunda grande característica a destacar no estilo de trabalho do professor Hobsbawm é a ênfase colocada na historicidade dos conceitos com os quais opera suas análises. Isto impede que os conceitos se tornem categorias abstratas, fora do tempo ou como que condições naturais da sociedade ou do homem, transtemporais, transcorrendo ao longo de uma temporalidade vaga e sem registro circunscrito. Mesmo os conceitos chaves para as análises do professor Hobsbawm, que têm a ver com a sua própria perspectiva analítica, tais como o conceito de socialismo ou de comunismo, são recuperados como construções históricas específicas de determinados momentos, de determinados modos de confrontação social. Não podem, portanto, ser aplicados aleatoriamente para qualquer outro momento, senão para aquele no qual seus sentidos são historicamente construídos.

Da mesma maneira, o professor Hobsbawm trabalha para colocar em xeque dois dos conceitos organizatórios mais fortes do mundo contemporâneo e mais comumente mobilizados para produzir explicações compreensivas e que, no entanto, têm um estatuto muito discutível, que são os conceitos de nação e de nacionalismo. Isto aparece com muita clareza em livros como *A Invenção das Tradições*, uma das obras mais perturbadoras da historiografia contemporânea, e *Nações e Nacionalismos*³. Em ambos, o professor Hobsbawm defende o ponto de vista de que a nação é uma construção política muito recente, totalmente artificial, que tenta responder a condições históricas específicas, particularmente aquelas colocadas pelo desenvolvimento da sociedade capitalista e pelo esforço de emancipação dos trabalhadores.

Segundo este enfoque, o nacionalismo precede a nação. A ideologia nacionalista cria a expectativa da percepção da condição nacional e da experiência social, ao contrário do que estamos habituados a pensar, que uma nação procura defender seus valores articulando uma concepção ideológica, ou seja, o nacionalismo. Segundo o professor Hobsbawm, é o desenvolvimento dessa ideologia, que tem um caráter bastante conservador e, eventu-

³ Hobsbawm, Eric, 1990. *Nações e Nacionalismos desde 1870 – Programa, Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Paz & Terra.

almente, muito reacionário, que institui a categoria de nação, como decisiva para a compreensão da realidade. Este esforço leva o professor Hobsbawm a discutir, metodologicamente, as condições necessárias para se proceder um esvaziamento da carga emocional dos pesquisadores, de forma a serem capazes de pesquisar essa tipologia bastante complexa do nacionalismo e, em particular, o potencial que ela tem de mobilizar a sociedade e a cultura política contemporâneas.

Segundo esta prática historiográfica, o professor Hobsbawm trabalha com uma espécie de instabilidade dos conceitos, sempre vistos dentro do seu aspecto metafórico. Eles aparecem em condições históricas específicas, sendo explicáveis, compreensíveis e circunscritos a estas circunstâncias e aos desdobramentos que provocam. Não são conceitos com validade em si, fora do tempo, nem fazem parte de uma realidade integral da sociedade. É isso que lhe permite estudar as condições materiais de formação da sociedade contemporânea e, também, os mitos que ela forja para produzir uma interpretação de si mesma, o que, via de regra, nada tem a ver com a sua realidade de base.

O terceiro e último elemento que eu destacaria deste conjunto de aspectos inovadores da produção do professor Hobsbawm, é o primado ético que ele dá a sua prática historiográfica crítica. Em princípio, o objetivo de suas pesquisas não é o de tentar revelar uma espécie de lógica subjacente e inelutável dos fatos, mas o de compreender como os processos históricos circunscrevem e limitam as alternativas postas aos homens, como eles condicionam os modos de vida e, neste sentido, restringem e atingem as condições e as necessidades existenciais do ser humano. É desta maneira, por este processo de imitação, construído com os fatos, que se acaba roubando ao homem a sua dignidade e, à sociedade, os seus nexos afetivos de solidariedade e comunhão. Sua ênfase é crítica, mas é uma ênfase não-instrumental. Ela valoriza a sensibilidade sobre o jargão técnico, o que explica a linguagem extremamente comunicativa e uma plasticidade que parece mais descritiva do que densamente analítica. Na verdade, pela leitura de seus textos, tem-se a satisfação de ver o quanto ele, humildemente, reconhece algo im-

ponderável nos processos históricos e que é preciso compreendê-los justamente para evitar que nos conformemos com eles.

É por isso tudo que elegi o professor Hobsbawm como o meu mestre historiográfico. Assim o tenho mantido desde o início de minha carreira até os dias de hoje e é por isso que aqui estou para agradecer-lhe publicamente.

TRABALHADORES E CAMPONESES NA ERA DE HOBBSAWM

José Sergio Leite Lopes*

Dentre os trabalhos que fazem uma reflexão sobre a obra de Eric Hobsbawm, o livro de Harvey J. Kaye, *Os Historiadores Marxistas Britânicos*, dedica um capítulo (intitulado “Hobsbawm, Trabalhadores, Camponeses e História Mundial”) à importância de Hobsbawm na renovação da historiografia marxista. Essa contribuição estaria localizada preferencialmente – já que a obra de Hobsbawm abarca um domínio muito vasto de objetos e temáticas – nos temas da história do trabalho e dos trabalhadores, nos estudos camponeses e na história mundial do século XIX. Vou centrar minha comunicação nos dois primeiros temas. Nicolau Sevcenko já falou um pouco da história mundial, da trilogia das eras e eu, por limitações de minha formação de antropólogo, vou me concentrar na história do trabalho e nos estudos camponeses. Minha comunicação talvez saliente unilateralmente uma leitura da obra de Hobsbawm preocupada mais com a cultura no sentido antropológico.

O trabalho de Harvey Kaye destaca a contribuição de Hobsbawm na renovação da história feita até então, pelo fato pioneiro de subverter, com a história social, alguns temas da história tradicional. Eu iria um pouco além – e vou tratar, logo de início, de algo de que deveria falar mais ao final para demonstrar o que penso – não somente Hobsbawm é pioneiro, mas é também capaz de pôr em jogo coisas “teóricas” importantes a respeito de

* Prof. do Museu Nacional - UFRJ.

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 4/5	53-64	1997/1998
-----------------	---------------	--------	-------	-----------

objetos “empíricos” muito precisos, freqüentemente menores na aparência, às vezes aparentemente irrisórios, mas, por fim, importantes. Isso pode ser logo exemplificado: sua capacidade em reconstituir cientificamente os grandes objetos socialmente importantes, apreendendo-os de um modo imprevisto, manifesta-se quando ele transforma os “quebradores de máquinas” ou o artesão itinerante (o *Jazz* só foi publicado depois, porque fazia parte de uma outra identidade do professor) em objetos significativos que iluminam de forma diferente a história social do período (no caso dos séculos XIX e XX).

Isso acontece na história do trabalho e dos trabalhadores. Esta área temática é retomada no pós-guerra de uma forma criativa pelos fundadores da história do trabalho na Inglaterra, em particular por G. D. H Cole e pelos casais Sidney e Beatrice Webb e J. L. e Barbara Hammond. Esses fundadores estão mais próximos do movimento operário e das correntes políticas ligadas ao sindicalismo do que a uma carreira universitária regular. Eles desenvolvem seus trabalhos no interior de uma abordagem que se tornará clássica, moldando a maneira de pesquisar a área no estudo das instituições do movimento operário: sindicatos, partidos, correntes políticas. Isso é válido principalmente para os Webbs e para Cole, em seu livro (muito utilizado no pós-guerra porque nos dá uma visão vasta dessa história) intitulado *The Common People: 1746-1946*. Os Hammonds poderiam ser vistos como os precursores da história social posterior, com sua trilogia sobre o trabalhador do campo, o trabalhador da cidade e o trabalhador qualificado (*The Village Labourer, The Town Labourer e The Skilled Labourer*). Eles são os iniciadores do debate posterior sobre os níveis de vida da população inglesa durante a revolução industrial.

Essa temática é vista por Hobsbawm desde o início dos anos 1950. A princípio, com os mesmos objetos dos anos anteriores, como, por exemplo, na coletânea *The Turning Point* (1948), na qual realiza a reflexão sobre o movimento operário entre 1880-1900, e em sua tese de doutorado de 1950 sobre os fabianos. Progressivamente, no entanto, ele passa a se interessar por outros temas que rompem com a temática e a abordagem dos antecessores.

Ao dar importância a movimentos sociais não-organizados como os “quebradores de máquinas”, ao tema do “metodismo” e da “ameaça da revolução” na Inglaterra, a tradição do “artesão itinerante” (*the tramping artisan*), ou à importância de Tom Paine para a história operária, Hobsbawm começa a abrir caminho para a renovação e a subversão dessa área de estudos. Assim também com o artigo sobre “costumes, salários e carga de trabalho”, ou o artigo sobre as “tradições operárias” em diferentes países europeus, artigos elaborados durante os anos 50 e consolidados no livro *Labouring Men*, publicado em 1964⁴. Inicia-se aí essa preocupação com a dimensão *cultural* da história social do trabalho, gestada por toda uma geração de historiadores marxistas.

Talvez Hobsbawm tivesse qualidades específicas que o habilitassem particularmente para esse empreendimento incomum. Tendo passado a infância e a adolescência em Viena e Berlim, e tendo chegado à Inglaterra aos 16 para os 17 anos, de família judia, “exilada” na Inglaterra (seu pai era inglês, de ascendência judaico-russa), Hobsbawm já tinha passado pela experiência da politização precoce em Berlim, e pelo estranhamento cultural na Inglaterra – embora tivesse todas as condições de adaptação ao país de seu pai. Essa experiência anterior certamente contribuiu para sua habilidade no aprendizado de novas línguas (além do inglês e do alemão, línguas latinas, entre outras), assim como para sua crescente erudição e para sua capacidade de *observação direta* em diferentes países.

No que diz respeito à história do trabalho, Hobsbawm contribui pioneiramente para a passagem da história das instituições operárias – partidos e sindicatos – à história social da *classe* operária. Ele próprio tem consciência disso quando destaca, no prefácio de *Labouring Men* (p. vii): “tem havido comparativamente pouco trabalho sobre as classes trabalhadoras como tal e sobre as condições econômicas e técnicas que permitiram que esses movimentos operários se tornassem efetivos”.

⁴ Talvez o título em inglês, *Labouring Men*, com “homens” destacado, quisesse designar dimensões mais amplas do que o estrito trabalho – coisa que o título da tradução em língua portuguesa, *Os Trabalhadores*, denota menos.

Ele inicia, assim, uma história social do trabalho não limitada aos trabalhadores organizados, suas organizações e líderes, mas voltada, ao contrário, para as *experiências* das classes trabalhadoras. Com isso, ele escapa — eu o cito — “das fronteiras da ordenação cronológica ou da história narrativa dos movimentos operários” (isto também está no prefácio de *Labouring Men*).

Portanto, a possibilidade de ruptura com a história tradicional anterior em parte se deve a peculiaridades individuais, entre as quais essa sua sensibilidade à *cultura* adquirida em sua trajetória de desterro na própria Inglaterra, vindo de uma socialização em Viena e Berlim. Ela se deve também a uma contribuição propriamente coletiva. Tal contribuição coletiva materializou-se, mais do que nos professores que ele teve em Cambridge (Hobsbawm fala do professor Posnam na entrevista que deu a *Estudos Históricos* n°. 06 — uma revista brasileira), nas redes de colegas contemporâneos seus, alguns mais velhos (Christopher Hill, Rodney Hilton), outros mais novos (E. P. Thompson, Raphael Samuel). Tais redes provêm de Cambridge, onde Hobsbawm estudou, mas também de uma “instituição” peculiar como o grupo de historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha, que materializaria a ligação direta entre historiadores de Cambridge, Oxford e Londres — que de outro modo se faria de forma demorada, concorrencial, ou não se faria.

Hobsbawm sempre se preocupou em perguntar-se sobre a relação entre possibilidade e formulação de determinados resultados de pesquisa e pertencimento institucional, bem como sobre a ligação do pesquisador com o objeto estudado. Assim, no artigo “História do Trabalho e Ideologia” retomado em *Mundos do Trabalho*, ele mostra como a maior parte da produção dos historiadores do trabalho, desde os Webbs, Hammonds, e G.D.H. Cole, até E. P. Thompson, num período posterior, deu-se fora da universidade e em ligação com o movimento operário⁵. Em outro artigo,

⁵ Nesse mesmo artigo, Hobsbawm formula claramente essa *démarche* geral — de que ele é precursor, com os artigos de *Labouring Men* — de passar da história

sobre o grupo de historiadores do partido comunista⁶, Hobsbawm volta a esse tema de uma história refelexiva, da construção do conhecimento vinculado a certas determinações sociais. Nesse artigo, ele descreve essa interfecundação coletiva nesse grupo, entre 1946 e 1956⁷. Essa preocupação com uma história marxista que renovasse a produção fabiana anterior sobre o movimento operário, assim como contribuições coletivas em diferentes frentes de trabalho para a feitura de uma nova história geral da Grã-Bretanha, viria a ter sua importância sobre a produção posterior de muitos desses historiadores marxistas que se estabeleceram depois na universidade ou que já estavam estabelecidos na época. Desse grupo surgem preocupações com o nível de vida da população inglesa na época da Revolução Industrial, e sobre a “aristocracia operária”, ambos assuntos que produziram debates que fizeram época – além de partir a idéia da fundação da revista *Past and Present* em 1952, articulando marxistas e não marxistas, historiadores e não historiadores⁸.

No entanto, no artigo-depoimento de Hobsbawm sobre esse grupo, não são ressaltadas as ligações diretas do grupo com trabalhadores ou instituições do movimento operário, como ele resalta em relação aos Webbs e aos Hammonds e mesmo a E. P. Thompson num período posterior, no contexto da educação de adultos como extensão universitária.

institucional e narrativa da classe operária para a história social da classe, dos trabalhadores, para a diferenciação interna da classe, etc.

⁶ “The Historian’s group of the C.P.”, in: *Rebels and their causes, em homenagem a A.L. Morton*.

⁷ Destaco esse tema um pouco por causa de toda essa vinculação entre o mundo do trabalho, o dos intelectuais e o das instituições ligadas ao movimento operário. Acho que isso interessa às instituições que trouxeram Hobsbawm ao Brasil desta vez e que nos convidaram aqui: o Instituto Cajamar, a Secretaria de Cultura de Porto Alegre, o sindicato dos trabalhadores químicos de São Paulo.

⁸ Um desses não marxistas e não historiadores é o antropólogo Max Gluckman, que depois vai ter uma certa importância na origem de um dos livros de Hobsbawm

Provavelmente, o contato com o movimento operário era mediado mais diretamente pelo trabalho partidário. Se essa ligação direta com o movimento operário não é ressaltada por Hobsbawm no contexto do grupo de historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha, ela o será de passagem, quanto à sua experiência individual, na situação da II Guerra Mundial, quando ele manteve contato (como estudante universitário que era) com trabalhadores no interior das forças armadas em situação de guerra, onde atuou no setor de educação⁹. Esse encontro entre estudantes e trabalhadores no exército constitui-se em outro elemento tendo contribuído para a sensibilidade de Hobsbawm com relação ao tema da cultura, em particular o tema da cultura operária.

Entretanto, se a existência de um grupo de historiadores do PC acaba não sendo tão importante para o contato direto com os trabalhadores na Inglaterra – o contato sendo mediatizado pela estrutura partidária – esse contato direto aconteceu em outros países (em particular na Itália e na Espanha): intelectuais do Partido Comunista Italiano tinham contatos na região do sul da Itália com grupos camponeses, ou contatos espanhóis na Andaluzia no período franquista (ver *Os Rebeldes Primitivos*).

Hobsbawm faz observações diretas desses países, e também faz, digamos assim, história oral precocemente – antes que essa modalidade de trabalho empírico estivesse “na moda”¹⁰. Ele cruza essa observação de grupos de camponeses e trabalhadores rurais atingidos pela expansão do capitalismo, que resistem a ela de forma “pré-política” (isto é, anterior a seu pertencimento ao mundo do teatro da grande política nacional, segundo formulação recente do termo feita por Hobsbawm na revista *Estudos Históricos*) como ele diz, com a observação de manifestações similares de trabalhadores urbanos pré-industriais da própria Inglaterra, como mostra nos

⁹ Creio que essa menção à possibilidade de encontro entre estudantes e operários no quadro da mobilização de guerra está no artigo “As classes operárias inglesas e a cultura no século XIX até 1914”.

¹⁰ Vide o apêndice de *Rebeldes Primitivos*, que se chama “Eles Mesmos Falam”.

artigos “Turbas Urbanas” e “Rituais Operários” – artigos estes que retomam outros anteriores e que foram publicados depois em *Labouring Men*.

É interessante observar que o início da produção do livro *Rebeldes Primitivos*, publicado em 1959, antes de *Labouring Men* (o qual contém artigos mais antigos que os de *Rebeldes Primitivos*) foi propiciado pelo convite de antropólogos da Universidade de Manchester (Max Gluckman, Mary Douglas e Meyer Fortes), que vinham estudando o movimento dos Mau-Mau no Quênia, e que pediram a Hobsbawm conferências sobre movimentos equivalentes na Europa. É provável que soubessem das viagens de Hobsbawm ao sul da Europa ou conhecessem artigos anteriores dele sobre a história do trabalho¹¹.

É esse cruzamento entre diferentes temáticas, é essa subversão de diferentes disciplinas – quando ele se coloca ao mesmo tempo na fronteira da “história do trabalho” e na fronteira dos “estudos camponeses” – que fazem Hobsbawm formular um objeto na intersecção desses dois domínios, revalorizando e renovando ambas as temáticas tradicionais. É esse vai-e-vem entre Europa desenvolvida (Inglaterra, França e Alemanha) e Europa subdesenvolvida (sul da Itália, Espanha) que provoca a construção de um novo objeto, fecundando toda uma área de investigações (a área dos “rebeldes primitivos”, dos movimentos “pré-políticos”, que abrange tanto a área urbana quanto a área rural, tanto o primeiro mundo quanto o terceiro). Esse mesmo vai-e-vem faz Hobsbawm voltar-se, juntamente com George Rudé, para o movimento de trabalhadores rurais na Inglaterra – lacuna na história do trabalho tradicional – a fim de investigá-lo a fundo, dando-lhe um outro valor que o atribuído pelos Hammonds no livro *Captain Swing*, de 1969. Ele continua suas investigações nessa linha, dentro desta vertente fora da Europa, no livro *Bandidos* (também traduzido no Brasil).

¹¹ Entre parênteses seja dito que a edição brasileira de *Rebeldes Primitivos*, publicada pela Editora Zahar em 1971, foi proposta por um antropólogo americano chamado Shelton Davis – então professor no Museu Nacional. Davis também deveria redigir a introdução; mas, por problemas editoriais que frequentemente evidenciam uma certa estreiteza dos editores, isso foi deixado de lado.

É interessante notar como essa ligação com os antropólogos e com a temática antropológica (no caso mais explícita e clara em *Rebeldes Primitivos*) é pioneira e é esquecida, hoje, com a “nova onda”, nos anos 80, de aproximação entre história e antropologia. Tal aproximação, que se manifesta na “história cultural” de Robert Darnton e William Sewell Jr. – que são discípulos do antropólogo Clifford Geertz – ou na terceira fase da revista *Annales* (com Jacques Le Goff, Roger Chartier e outros), ou na micro-história de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi –, acaba não sendo devidamente ressaltada na história social feita anteriormente¹².

Por outro lado, é interessante ressaltar como a história social sobre os trabalhadores e sobre o campesinato contribuiu pioneiramente para essa aproximação que no momento atual tem melhores condições de se fazer, tem melhores condições de recepção e de interesse editorial. Isso fizeram Hobsbawm, E. P. Thompson e mesmo historiadores sem referências explícitas à antropologia (como Rolande Trempé e Michelle Perrot, na França), que no entanto faziam um trabalho próximo.

Esse vai-e-vem entre áreas temáticas diferentes, de países diferentes, fez com que Hobsbawm prosseguisse os estudos sobre história operária e retornasse a eles, de forma a continuar seu trabalho de renovação. Seu pioneirismo é seguido por outros como E.P. Thompson e seu *The Making of the English Working Class*. Hobsbawm retornou a esses temas com a bagagem de outras temáticas como a de *Rebeldes Primitivos* e ainda hoje continua a renovar a história operária. Tal é o caso dos artigos publicados em *Mundos do Trabalho – Worlds of Labour*¹³.

Se em *Labouring Men*, no início da renovação da história operária, já havia um trabalho de dessubstancialização de grupos – isto é, apesar do título *Os Trabalhadores*, havia a criação de temas diferentes sobre os trabalhadores, em que são enfocados menos os operários e mais as relações

¹² Assim, não é por acaso que é Hobsbawm que responde a Lawrence Stone numa polêmica sobre a narrativa na revista *Past & Present*.

¹³ *Mundos do Trabalho* talvez queira significar também universos culturais, universos mentais plurais.

em que estão envolvidos, e a pertinência de tais relações –, em *Mundos do Trabalho* essa *démarche* prossegue fortemente.

É interessante observar que, na renovação dos estudos sobre classe operária, ao mesmo tempo em que se passa das instituições para a classe operária, para os indivíduos que a compõem, e para o grupo social em sua vida cotidiana, há também a formulação de novos objetos – que consistem nas relações sociais. Mais do que se ater ao grupo como ele existe, ao grupo real, aos operários por si mesmos, procura-se perceber as relações sociais em que eles estão inseridos. Assim, em *Mundos do Trabalho* há diversos artigos como os *sapateiros politizados* (termo em inglês), os *artífices e a aristocracia operária*, as *imagens de homens e mulheres na esquerda*, numa preocupação com o imaginário e com o gênero, além de toda uma retomada da temática do E. P. Thompson sobre a construção da classe operária. Hobsbawm rediscute a construção e a reconstrução da classe operária em diferentes períodos: ele insiste em mostrar como a classe operária dos anos 50 (que é descrita etnograficamente por universitários vindos da própria classe operária, como Richard Hoggart e Raymond Williams) – que é a classe operária tradicional inglesa contemporânea – provém da conjuntura histórica de 1880 e não daquela do início do século XIX. É como se esse trabalho de construção se desse novamente, em um outro período¹⁴.

Duas outras temáticas importantes do trabalho de Hobsbawm são a da história sócio-intelectual reflexiva dos historiadores do movimento operário, e a da história do marxismo e dos marxistas. Há indicações sobre a história dos historiadores do movimento operário em *História do Trabalho e Ideologia*, em *Classes Operárias Inglesas e a Cultura*, em *O grupo dos historiadores do PC Inglês*, em entrevistas, entre outros. Por outro lado, a coletânea organizada por Hobsbawm, *História do Marxismo*, é um esforço de fôlego em sua obra.

¹⁴ Esse é um tema sobre o qual Nicolau Sevcenko chamou a atenção na apresentação anterior – o tema da historicização dos conceitos. Essa questão da construção e da reconstrução da classe operária é um exemplo de historicização dos conceitos.

Assim como Hobsbawm trabalha a construção e a reconstrução da classe operária, ele trabalha também, nessa mesma perspectiva, a importância daqueles que pensam sobre ela ou que organizam a classe trabalhadora, tendo importância sobre a própria construção dessa classe. Isto significa que há um certo “efeito-teoria”, quer dizer, a teoria tem um efeito sobre a realidade, que também acaba se incorporando a essa perspectiva construtivista exercida por historiadores e intelectuais em relação à classe operária. Isso se liga à questão da historicidade dos conceitos e à questão da historicidade da produção e dos produtores dos conceitos.

Há uma outra linha de estudos que Hobsbawm trabalha e que eu não examinei aqui, que são os estudos macro-históricos. São estudos que demonstram uma grande erudição sobre a história mundial, na trilogia *A Era das Revoluções*, *A Era do Capital* e *A Era dos Impérios*.

Hobsbawm tem sempre presentes os limites objetivos da análise construtivista e cultural das classes subalternas. Talvez, um outro tema, em sua obra seria o equilíbrio entre a análise objetivista e a análise subjetivista ou construtivista: por um lado, há toda uma abordagem da cultura das classes subalternas e, por outro lado, há uma contextualização e uma análise investida na possibilidade e nas limitações dessa construção cultural.

Enfim, essa obra múltipla suscita muitos instrumentos de trabalho, novos objetos e novas abordagens. Para recapitular, chamo a atenção para a questão, por um lado, da renovação do tema da classe trabalhadora, da história do trabalho e, por outro lado, da renovação dos estudos camponeses. Ao renovar esses dois temas, Hobsbawm se situa na fronteira entre os dois, fazendo essa ligação (que poucos fazem) entre história do trabalho urbano e industrial e história do trabalho camponês.

Mediante essa posição, ele pôde construir novos objetos pertinentes, como a construção e reconstrução da classe trabalhadora, de suas tradições, dos seus rituais, assim como a construção dos “rebeldes primitivos” e da região do “pré-político”, bem como a temática da *invenção das tradições*. Aliás, esta última como que soma, agrega tanto sua contribuição da invenção das tradições das classes subalternas como seus estudos macro-

históricos sobre as classes dominantes. A invenção das tradições como que junta duas partes da obra de Hobsbawm, a parte das classes trabalhadoras e a parte ligada à história mundial ou à história das classes dominantes.

Esses conceitos e abordagens de Hobsbawm são históricos e servem como instrumentos de trabalho que iluminam estudos contemporâneos de sociólogos e de antropólogos. Poderia dar um exemplo mais referido ao meu trabalho, como Hobsbawm, em seu artigo sobre os luditas, sobre os “quebradores de máquina”, inspirou-me numa análise pequena que fiz para um boletim do CEDI, o *Aconteceu*, em 1980 – uma pequena análise sobre os operários da construção civil. Na verdade, esse artigo era sobre o movimento dos operários da construção civil e como aquele (“The machine breakers”) servia para entender como os “quebra-quebras” que ocorreram em canteiros de obras naquela ocasião, ou ainda como a greve-arrastão que foi feita naquele mesmo movimento, expressam um pouco as formas violentas de enfrentamento com os patrões, e que na realidade poderiam ser vistos como uma negociação coletiva através do “quebra-quebra”. No fundo, meu artigo procurava a racionalidade num movimento aparentemente irracional – que é a *démarche* de Hobsbawm. Também pude me servir do artigo “Costumes, Carga de Trabalho e Salário” para a análise dos trabalhadores têxteis em Pernambuco.

Enfim, há uma série de áreas em que os trabalhos de Hobsbawm, desde os *Rebeldes Primitivos* até *A Invenção das Tradições*, servem de instrumento de trabalho para os pesquisadores contemporâneos – antropólogos, sociólogos, historiadores – assim como para os formadores de educação sindical e dos movimentos populares e de cidadania.

Bibliografia

COE, T., 1982. “Hobsbawm and Jazz”, in: *Culture, Ideology and Politics; essays for Eric Hobsbawm*. Londres, Routledge & Kegan Paul.

KAYE, H. J., 1994. *The British Marxist Historians*.

GENOVESE, E., 1984. “The politics of class struggle in the history of society: an appraisal of the work of Eric Hobsbawm”, in: THANE, G. & FLOUD (eds.) *The Power of the Past, essays for Eric Hobsbawm*, Cambridge/Paris: Cambridge University Press/Maison des Sciences de l’Homme.

McCLELLAND, K., 1982. “Bibliography of the writings of E. Hobsbawm”, in: *Culture, Ideology and Politics; essays for Eric Hobsbawm*, Londres: Routledge & Kegan Paul [artigo com 31 páginas de bibliografia, com 27 itens classificatórios e vários sub-itens].

Entrevistas em:

- *Visions of History*.

- *Estudos Históricos* nº 6.

HOBSBAWM, HISTORIADOR DO MARXISMO

Marco Aurélio Garcia*

Analisando a produção intelectual inglesa nos anos 60, Perry Anderson caracterizou-a como marcada por um certo provincianismo. Essa afirmação não deixa de ser surpreendente. Naquele momento, a Inglaterra reunia um grupo de intelectuais que marcou profundamente a produção historiográfica deste século, não somente com estudos específicos sobre a realidade nacional dos britânicos, mas também com contribuições teóricas e metodológicas decisivas para repensar a história moderna e contemporânea. Ao pensar que a Inglaterra legou-nos Christopher Hill, Edward Thompson, Raymond Williams, Raphael Samuel, George Rudé e Eric Hobsbawm, entre outros, não se pode deixar de sentir uma certa inveja desse “provincianismo”.

Neste evento, organizado pelo Instituto Cajamar, discutimos a obra de um desses historiadores: Eric Hobsbawm.

Não é fácil abordar a produção de Hobsbawm tal a amplitude de suas contribuições historiográficas, que se estendem sobre a análise de mais de dois séculos de história. Ele oferece uma visão abrangente do “longo século XIX” nos seus três grandes livros¹⁵ - *A Era das Revoluções*, *A Era do Capital* e *A Era dos Impérios* -, que com extrema modéstia o autor caracteriza como obra de *haute vulgarisation*, destinada a um “*cidadão culto e inteli-*

* Prof. do Departamento de História do IFCH-Unicamp.

¹⁵ Quando esta mesa-redonda foi realizada, Hobsbawm ainda não havia publicado o quarto volume, *A Era dos Extremos*, de sua monumental visão da história contemporânea.

gente que não tem uma simples curiosidade sobre o passado, mas que deseja compreender como e porque o mundo veio a ser o que é hoje, e para onde se dirige”.

Não sendo endereçada prioritariamente à historiadores, os três livros resgataram um tipo de narrativa historiográfica então questionada. A crítica à história *événementielle* reorientaria grande parte da produção dos historiadores para a micro-história ou para a história das mentalidades. Hobsbawm recuperou a possibilidade de realizar estudos abrangentes, aquilo que muitos chamariam - com propriedade ou não - de história total.

Essa perspectiva universalizante de sua obra - que articula dimensões econômica, social, política e cultural - ele soube combinar em muitos outros trabalhos com a realização de estudos de caráter particular, monográficos, como demonstram as análises sobre a classe operária reunidas em *Trabalhadores* e *Mundos do Trabalho*, por exemplo. A filiação teórica marxista e o engajamento político, associado a um cosmopolitismo intelectual, levaram Hobsbawm a dar uma importância fundamental à história das revoluções e à discussão sobre a mudança social e política desde 1789 até os dias de hoje.¹⁶

Ao lado da amplitude de suas preocupações intelectuais - bastaria lembrar a história do Jazz - há outro traço que atrai na obra de Hobsbawm: a narrativa. Fiel à tradição historiográfica inglesa, tantas vezes criticada como “empirista”, Hobsbawm construiu um *récit* que dispensa as longas introduções teórico-metodológicas. Teoria e método não são enunciadas, mas *aparecem* concretamente em seu discurso.

Muitas das questões até aqui mencionadas serão abordadas com mais detalhe e pertinência pelas outras contribuições que integram este debate. Por essa razão, minhas notas procurarão destacar um aspecto da produção de Eric

¹⁶ Sua *Era dos Extremos e Ecos da Marselhesa*, publicados depois da derrubada do muro de Berlim e do fim da União Soviética, da mesma forma que muitos de seus artigos e entrevistas recentes, mostram o impacto da evolução política dos últimos anos sobre sua produção intelectual. Sensível às vertiginosas mudanças dos últimos anos, Hobsbawm revela, no entanto, uma continuidade e coerência teórica que nada tem a ver com dogmatismo.

Hobsbawm: sua contribuição para a história do marxismo, contida na sua obra *Revolucionários* e, sobretudo, na monumental *História do Marxismo*, em 12 volumes, que ele coordenou e para a qual escreveu ensaios decisivos.

Juntamente com o historiador francês Georges Haupt, de origem romena e já falecido, Hobsbawm foi um dos primeiros a analisar o marxismo como fenômeno histórico, o que permitiu uma considerável renovação nos estudos sobre o socialismo no século XX. Até então, a historiografia do socialismo e do comunismo estava dominada por duas tendências opostas. De um lado, a chamada “historiografia da Guerra Fria”, que buscava reduzir revoluções, movimentos sociais e partidos revolucionários a expressões de uma conspiração internacional orquestrada por Moscou; de outro, a historiografia oficial dos partidos comunistas, da qual o *Manual de História do Partido Comunista da União Soviética* é o exemplo clássico.

Os manuais de história dos partidos comunistas, longe de reconstituir objetivamente a história das revoluções, idéias ou organizações revolucionárias, tratavam de legitimar os grupos dirigentes e as políticas dominantes nos PCs, mesmo que para isso fosse necessário tergiversar, apagar ou refazer o passado, eliminar personagens politicamente incômodos e pôr em evidência personalidades cujo papel histórico havia sido secundário ou simplesmente nulo. Essa tendência, que provocava sucessivas reconstruções historiográficas e submetia a pesquisa do historiador ao avatar da ideologia dominante, foi duramente abalada pelos acontecimentos de 1956 quando, no XX Congresso do Partido Comunista da URSS, Nikita Krushev levantou o véu sobre uma parte do período staliniano.

O impacto dessas revelações sobre os intelectuais marxistas no mundo inteiro foi considerável. Grande parte dos integrantes da “célula” de historiadores do Partido Comunista britânico deixou a organização. Hobsbawm, um dos poucos a não romper com o PC, manteve, no entanto, independência e espírito crítico.

Sua postura intelectual, recusando o dogmatismo da historiografia oficial comunista, não fez dele um “renegado” (para resgatar uma expressão da época) nem o conduziu à busca de um “marxismo perdido”, como ocor-

reu com boa parte das dissidências de esquerda do comunismo oficial. Ao contrário, ele tratou de compreender o movimento operário, o socialismo, o comunismo e a vasta produção teórica feita a partir destes objetos como um fenômeno social, e não o resultado de um caminho inexorável em direção a um objetivo histórico pré-determinado.

Por não ter sucumbido às tentações teleológicas, Hobsbawm não se perdeu quando o que parecia ser inevitável, a “marcha para o socialismo”, foi interrompido pela série de “acidentes históricos” que marcaram as últimas décadas deste século. Sem ter se fixado em um marxismo “puro”, situado “em algum lugar no passado”, pôde historicizar as sucessivas e distintas relações que a teoria formulada por Marx manteve com o movimento operário e socialista em diversas conjunturas históricas.

Essa questão ele desenvolveu, particularmente, em suas análises sobre o fenômeno da mundialização da herança teórico-política de Marx em princípios do século XX e nas relações do marxismo com os intelectuais.

Com esse tratamento histórico, Hobsbawm libertou o marxismo dos debates fundamentalistas e conseguiu realizar uma aproximação radicalmente distinta do que se convencionou chamar, nos últimos trinta anos, de “crise do marxismo”.

Os volumes da *História do Marxismo* desmistificam, assim, um passado até então encoberto por sucessivos e pesados contenciosos políticos impostos pelo presente.

Na avaliação da herança de Marx, particularmente as relações com o movimento operário e socialista, Hobsbawm enfatiza a necessidade de diferenciar a dimensão analítica do marxismo de suas propostas programáticas. A crise programática do marxismo não infirma de forma alguma a riqueza de sua dimensão analítica, mesmo levando-se em consideração mudanças históricas ocorridas neste último século.

Para uma tentativa de historicizar essas relações de Hobsbawm com o marxismo, é necessário situar como ele constitui suas referências analíticas e políticas.¹⁷

Hobsbawm, jovem estudante judeu que chegou à Inglaterra fugindo do nazismo alemão, converteu-se ao comunismo sob o impacto da política das Frentes Populares, que ganharam importância a partir de 1935.

As Frentes Populares não estavam reduzidas apenas à estratégia desenhada para elas pela Internacional Comunista, transformada naquele momento em dócil instrumento da política externa da União Soviética. Elas eram muito mais do que o resultado de uma política ditada em Moscou no VII Congresso da IC. Tinham na origem um movimento social: a reação das bases socialistas e comunistas na França contra a ameaça da extrema direita; na Espanha, o impacto dessa política foi tal que abalou até mesmo o doutrinarismo dos anarco-sindicalistas, a ponto de fazê-los participar do processo eleitoral que desembocou na vitória da Frente Popular; mesmo na América Latina, na versão insurrecional brasileira ou institucional chilena, as Frentes Populares foram capazes de agrupar amplos setores de “centro-esquerda” para enfrentar a ameaça fascista. As Frentes, tentando responder aos efeitos perversos da crise do capitalismo que afetou o mundo inteiro nos anos trinta e à ofensiva fascista que se desenhava na Europa, representavam uma alternativa democrática, com fortes conteúdos sociais que iam além das intenções subjacentes dos estrategistas do *Comintern*. Elas foram um movimento de renovação da cultura política capaz de agrupar importantes segmentos da intelectualidade mundial.

A tragédia espanhola da segunda metade dos anos trinta teve forte impacto não apenas sobre as esquerdas, mas também sobre amplos setores democráticos. Intelectuais ingleses participaram (e morreram) na Guerra Civil da Espanha. Alguns - como Kim Philby, Burgess, Maclean e o historiador Anthony Blunt - transformaram-se nesse período em agentes soviéticos e protagonizaram um dos mais sensacionais episódios de espionagem deste século.

¹⁷ A temática acabou explicitada pelo autor em breves notas autobiográficas publicadas em *A Era dos Extremos*.

Esse campo político-cultural está na origem da formação do jovem historiador Eric Hobsbawm. Ele aliou sua reflexão historiográfica, que soube desenvolver em escala planetária, a uma discreta militância política, limitada pela pequena influência do Partido Comunista em um país onde os trabalhistas afirmaram-se como força hegemônica do movimento operário.

Sua influência intelectual fez-se sentir mais tarde no próprio *Labour Party*, conforme se pode constatar em suas *Escolhas para uma esquerda racional*.

Do ponto de vista teórico, ele não sucumbiu à ofensiva estruturalista que sacudiu o marxismo nos anos 60 e que teve no francês Louis Althusser sua fonte inspiradora. Hobsbawm não chegou a criticar esse marxismo com a energia de E.P. Thompson em *Miséria da Teoria*. Simplesmente seguiu seu caminho historiográfico, avesso aos formalismos da moda. Seu discurso, mais do que seu “empirismo”, encerrava uma nova proposta teórica na qual o movimento da história era captado em sua dimensão total, integrando a multiplicidade de aspectos do real.

Essa reflexão paciente dos historiadores ingleses, feita no meio acadêmico e afastada do movimento operário, entregou às gerações futuras um instrumento de análise dos problemas do socialismo no momento de sua crise mais aguda.

Futuros trabalhos sobre a história do marxismo terão de dar conta da contribuição que Hobsbawm, Thompson e outros historiadores ingleses deram para a mundialização das idéias de Marx neste fim de século.

OBRA FASCINANTE, MAS PERIGOSA!

Michael Hall*

Vou ser extremamente breve, em parte para abrir um pouco de tempo para a discussão. Tinha pensado em preparar uma exposição um pouco na linha da apresentada por José Sérgio, embora, certamente, menos erudita, mas ele tornou desnecessário qualquer esforço adicional nessa direção. Passei quatro ou cinco horas, hoje, preso no trânsito, e aproveitei para pensar um pouco sobre a obra de Hobsbawm, procurando não descer aos aspectos mais desagradáveis do pós-modernismo, no qual o expositor é incapaz de distinguir a própria história da de seu objeto.

Vou fazer apenas duas ou três observações. Em primeiro lugar, Hobsbawm é sobretudo o historiador do capitalismo — do século XVII até suas crises atuais. E o que é realmente extraordinário quando se pensa nisso é como, no decorrer de 35 anos, Hobsbawm, praticamente sozinho, sem maior força institucional no meio acadêmico britânico, conseguiu abraçar as questões centrais da história da Inglaterra e mudar a maneira como os ingleses encaram seu próprio passado. E isso em um lugar – como posso dizer? – onde as tradições historiográficas conservadoras e liberais possuem uma certa força.

É impossível hoje em dia pensar a Revolução Industrial, a emergência e a ascensão da classe operária e o imperialismo sem levar em conta sua obra. Isso certamente não quer dizer que Hobsbawm tenha convencido todo mundo – mas ele conseguiu algo realmente extraordinário, que foi mudar o rumo dos debates. Considerando tanto o modo como essas questões foram

* Prof. do Departamento de História do IFCH-Unicamp.

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 4/5	71-73	1997/1998
------------------------	---------------	--------	-------	-----------

tratadas na historiografia inglesa dos anos 1930 ou 1940 quanto o debate atual, é evidente que, antes de mais nada, qualquer historiador tem de se situar em relação a Hobsbawm para, eventualmente, tentar reformular o argumento e passar à crítica. Porém, a centralidade das questões levantadas por ele e a genialidade que imprimiu à sua análise são, de fato, um feito quase inédito na historiografia. Não consigo pensar em outro caso comparável.

O que mais me impressiona em sua obra, para descer de novo ao aspecto autobiográfico, é sua capacidade de fazer com que os acontecimentos históricos tenham sentido. Hoje, esperando no trânsito, me dei conta do fato de, talvez, ter-me tornado historiador por ter lido *A Era das Revoluções*. Numa primavera californiana do começo dos anos 1960, eu estava fazendo um curso de sociologia e tinha de estudar um autor de quem, ao que parece, os professores brasileiros geralmente poupam seus alunos, Talcott Parsons. Textos cuja “chatura” e cujo prestígio nas ciências sociais norte-americanas dos anos 1950 e 1960 são difíceis de comunicar a vocês, assim como é difícil transmitir a aridez, a complacência, a pretensão, a irrelevância dos escritos dessa figura central da sociologia norte-americana do período. Gostaria de poder dizer que meu abandono da sociologia foi uma opção política clara, mas acho que não. Pensando bem, foi mais uma reação estética. Ninguém que escreve tão mal quanto Parsons poderia ter algo de importante a dizer.

O que tanto me impressionou em *A Era das Revoluções*, ao contrário, foi o que Hobsbawm sempre consegue fazer da história: estabelecer conexões entre as mais diversas áreas das atividades humanas e, no caso, dizer algo que fazia sentido sobre o século XVIII e início do XIX. Nunca tinha visto alguém expor as conexões entre as artes, a economia, a política e a sociedade como fez Eric Hobsbawm nesse livro excepcional.

Há poucas obras que logram fazer o que Hobsbawm conseguiu – e o que continuou fazendo nos volumes seguintes da série¹⁸. Mas, agora, com

¹⁸ Hobsbawm, Eric, 1982. *A Era do Capital, 1948-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; 1988. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; 1995. *A*

uma certa perspectiva, creio que o que é tão extraordinário em sua obra é, como ele próprio explicou certa vez, o fato de que pretende tentar escrever a história da sociedade¹⁹, isto é, demonstrar as relações, analisando as conexões em todas as esferas da vida humana.

E o que impressiona, ao menos para historiadores, é a maneira como conseguiu, nos últimos anos, incorporar as mudanças nos estilos e enfoques da historiografia sem perder de vista seu objetivo central: esclarecer as questões centrais do poder e do Estado – sobretudo como o poder é construído e mantido. E como, sutil e elegantemente, reelabora tais questões para iluminar a política e a vida atuais.

Recordo-me de que, após ter lido *A Era das Revoluções*, resolvi provocar um professor meu, um eminente historiador – que acho mais simpático não dedar aqui. Durante uma aula sua, eu o interrompi dizendo: “mas Hobsbawm afirmou...” Ele me olhou, olhou, e replicou com um grau de ironia que não sei avaliar a essa altura: “Eh! Hobsbawm... Ele é fascinante sim, mas perigoso!” Na época, fiquei indignado com esse comentário. No entanto, passados quase 30 anos, já não me parece uma observação tão inadequada sobre a obra de Eric Hobsbawm. Fascinante, mas perigosa!

Era dos Extremos: o Breve Século XX, 1914-1989. São Paulo, Companhia das Letras.

¹⁹ “Da história social à história da sociedade”, *In*: 1998. *Sobre História*. São Paulo, Companhia das Letras.

COMENTÁRIOS DE ERIC HOBSBAWM

Não quero dizer muito, porque estas ocasiões me parecem demasiado comemorativas. O debate sobre os temas que trabalhei, e espero continuar trabalhando alguns anos ainda, parece mais do que um rito funerário. Claro que em meio a tantos elogios e análises...

A verdade é que a inspiração original do meu pensamento e da minha vocação de historiador tem sido a política, em consequência dos meus compromissos com o marxismo e com a Escola Média na Alemanha - faz tanto tempo, os anos da ascensão de Hitler que facilitou a politização de muitos.

É claro que desta origem alguns elementos contribuíram para a minha vocação de historiador. Estes elementos estão arraigados no pensamento de Marx que seria melhor explicitar. O primeiro problema histórico que me interessou foi justamente o da base sobre as estruturas. Para nosso tempo, as idéias e os modos culturais estão relacionados com os temas de nossa sociedade, com a estrutura econômica e política correspondente. Cada vez mais, por isso, eu mantive o interesse por alguns elementos da história cultural, e não só da história econômica ou política.

O outro elemento, que talvez pareça a mesma coisa, é precisamente o da síntese, o que os franceses chamavam de *l'histoire totale* (história total). Não há história total, mas é importante para o historiador ver a história de uma era em todos os seus aspectos e entender suas interconexões. Esta é a única maneira de compreender as mudanças históricas, as quais não são unidimensionais (política, econômica, etc.).

Outro elemento que certamente escolhi como minha temática é a formação da sociedade moderna, as fases do desenvolvimento do capitalismo e a

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 4/5	75-76	1997/1998
------------------------	---------------	--------	-------	-----------

maneira pelas quais este sistema essencialmente instável tem gerado crises periódicas, as quais, até o momento, têm reestruturado o próprio sistema.

O terceiro elemento é precisamente a necessidade de se comunicar: a unidade entre o trabalho do historiador e o da pessoa engajada. Uma pessoa que participou de movimentos e da vida política, e que tem interesse em continuar participando, necessita discutir com colegas que não sejam unicamente os seus colegas especialistas. Me parece que esta é uma parte da tradição, de uma velha tradição marxista - o marxismo é uma tradição “ilustrativa”, a mesma dos velhos filósofos do século XVIII, que para interpretar e transformar o mundo tiveram que falar a todos e não somente a uma elite.

A coisa de que mais gosto é ver meus livros sendo lidos com prazer pelos estudantes. Há uma diversidade de livros, um grande número de trabalhos intelectuais que não saem de um pequeno círculo “esotérico”. Mas isto não basta aos historiadores que buscam uma identificação maior com os movimentos. O ofício de escrever precisa de uma larga prática, para aprender a escrever bem. Mas parece que um grande número de estudantes leram meus livros e os continuam lendo, por isso me felicito.

Finalmente, eu quis fazer - porque sou marxista - uma análise marxista precisa da recepção destes livros. Às vezes, existe uma relação entre a leitura de livros de intelectuais conhecidos de esquerda e a situação histórica e política em vários países. Me parece, por exemplo, que há certos momentos na evolução de alguns países que facilitam a popularidade de certo tipo de obras, como ocorreu por exemplo na Espanha, na Itália e no Brasil.

Eu certamente me sinto beneficiado, pois certas situações não dependem dos méritos do autor, mas da situação concreta e objetiva da recepção destes livros. Isso para qualificar o que tem sido visto com muita inteligência e demasiado, digamos, perspicácia por meus colegas e amigos aqui na mesa.